

EÇA DE QUEIRÓS, UM CENTENÁRIO IMPORTANTE

Mário PIRES

“Eu sou um pobre homem de Póvoa de Varzim”. Eis a declaração modesta de um dos mais notáveis escritores de Portugal, cujo centenário transcorrido a 16 de agosto do ano passado parece-nos oportuno e pertinente lembrarmos e reverenciarmos. Em Portugal, a cavaleiro do famoso bairro central do Chiado - justamente o sítio sempre querido do autor de **Os Maias**, na rua Ivens - localiza-se o Grémio Literário, uma das instituições mais respeitadas da antiga Ulissipo. Para nossa grande satisfação lá estivemos nas nossas três viagens ao Velho Mundo nos anos de 1982, 83 e 85. Recebidos pelo ilustre presidente de então, Dr. Geraldo Salles Lane - com parentes em Campinas, da Clínica Lane - depois de nos mostrar as várias dependências da entidade, mostrou-nos, com um olhar de orgulho e de ternura, a cadeira de balanço onde Eça se sentava em conversa ou lendo ou fazendo breve sesta. E entre as inúmeras estantes da rica biblioteca, as obras do escritor, caprichosamente encadernadas. Essa visita foi um dos momentos memoráveis e encantadores de nossa estada em Lisboa.

Eça, nascido em 1845, faleceu a 16 de agosto de 1900; encontrava-se em Neuilly, Suíça, para tratamento de insidiosa moléstia que o levou ao túmulo. Filho e neto de magistrados, de uma família de nomes fidalgos do norte do país, Eça de Queirós nasceu na Póvoa do Varzim. Sua mãe era de uma família minhota de militares ilustres. De compleição débil, criado fora do lar, Eça estudou Direito em Coimbra, pertencendo à geração que teve em Antero, poeta o filósofo, o seu “príncipe” e recebeu influência da literatura e do pensamento europeus que culminam em 1870.

Passado o período coimbrão de alvoroços intelectuais e de experiências romanescas, estreou-se nos jornais de Lisboa com folhetins poéticos (Prosas Bárbaras) em que se combinam reminiscências de Byron, Hugo, Nerval, Heine e Baudelaire, com uma verve copiosa e um romantismo negro, troncos de um estilo fino, fantasioso e nítido. Fez um efêmero ensaio de advocacia em Lisboa, uma curta experiência de jornalismo político em Évora e de administração civil em Leiria, que aprofundaram o seu contacto com a classe média e a vida de província.

Cônsul em Cuba, na Inglaterra e finalmente em Paris, por longos anos, o estrangeiro desenvolveu o seu natural cosmopolitismo, dando-lhe uma perspectiva entre saudosa e irônica das coisas portuguesas. De Leiria levou Eça o esquema de **O crime do Padre Amaro**; de Lisboa, aonde vinha de passagem e onde freqüentava a boa sociedade tangencial à burguesia e à plebe urbana, tirou os materiais com que construiu **Os Maias**, **A Relíquia**, enfim o centro de sua galeria romanesca, alargada ao fundo provincial da vida portuguesa em livros como **A Ilustre Casa de Ramires** e **A Cidade e as Serras**.

Aderindo ao molde realista do romance francês e ao dogma do estilo de Flaubert, Eça de Queirós pôde racionalizar o seu romance pela fidelidade aos tipos, costumes e paisagens nacionais e principalmente pela sua poesia congênita, misturada de uma melancolia irônica e servida por uma estesia obsessionada de ritmo e de humor.

O diplomata. A 14 de dezembro de 1874, partiu Eça de Lisboa para o seu novo posto em Newcastle, capital do condado de Northumberland, importante cidade industrial e carbonífera, de clima úmido e doentio, sob permanentes nevoeiros. Porém, o movimento de consulado português era reduzido, deixando-lhe bastantes horas livres que aproveitou para escrever alguns dos seus romances mais célebres. Contudo, não se imagine que a sua atividade de funcionário fosse descurada. Todos os seus relatórios são escritos numa linguagem fluente e agradável e, na aridez dos assuntos, nunca faltava a nota pessoal do seu estilo e de sua ironia.

O homem. Ao chegar à Inglaterra estava Eça esperançoso de uma vida melhor que a de Havana. Chega mesmo a demonstrar grande otimismo em sua correspondência durante os primeiros meses. Pouco após sua chegada começa a publicar folhetins na "Revista Ocidental". Em 1877 e, em parte no ano seguinte, trabalha em **O Primo Basílio**.

A literatura é, nesta época, a única tentação que o absorve e o domina. Os dois primeiros romances causam grande escândalo na opinião pública.

Em 20 de setembro de 1888, Eça toma posse do Consulado em Paris. O outono já começa a espalhar pelos Campos Elíseos a melancolia de suas tristes tardes. No “Bois”, as folhas amareladas tombam uma a uma e vão rolando silenciosamente ao longo das alamedas solitárias.

A paisagem é tão melancólica que inspirou a Paul Verlaine os famosos versos da “Chanson d’Automne”: “De violões, sons/ em meios tons / pelo outono / ferem de dor / a alma; langor / morno e sono. E num tormento / leva-me o vento / daqui, de lá / semelhante à folha morta!”.

No original francês parece que soam mais expressivos: “Les sanglots longs / des violons / de l’automne / blessent mon / coeur / d’une langueur monotone...”

Ao seu grande amigo brasileiro Eduardo Prado escreve: “Cheguei, enfim, a Paris, mas cheguei tarde”. Sente-se profundamente infeliz. A saúde cada vez mais abalada, provoca-lhe grandes crises, acumulada com as dificuldades financeiras, agora agravadas com os novos encargos familiares. Mas é o lar, a esposa e os filhos que lhe proporcionam o único prazer da vida, um pouco daquela sonhada felicidade que lhe embalou a imaginação de outros tempos.

Como escritor, sua vitória é completa; a pátria presta homenagem às suas qualidades de romancista; seu nome corre mundo e seus livros são traduzidos em várias línguas. O grande Zola considera-o um dos maiores romancistas do tempo. Mas, a doença o vai minando dia a dia e, como afirmamos no início, vem a falecer em Neuilly, Suíça, em 16 de agosto de 1900, com apenas 55 anos, quando poderia produzir muito mais.

A Obra. O Crime do Padre Amaro e O Primo Basílio são o resultado da reação de Eça perante a vida real e representam o desenvolvimento definitivo e completo das Farpas. Estas foram como que um programa e, agora, o mesmo assunto é apresentado em forma de romance, através de um estilo que atingiu a perfeição técnica de sua evolução. A ironia torna-se mais profunda e penetrante, de acordo com o novo estado psicológico do autor, de modo que a sociedade burguesa,

clerical e familiar de Leiria e Lisboa ficam descritas em páginas imorredouras.

Eça, o grande idealista, extintas as douradas ilusões da mocidade, satiriza os espinhos cruéis da vida real, que se chamam Padre Amaro, Primo Basílio, Conselheiro Acácio e tantos outros. O espírito sonhador de Eça ainda procura enganar-se a si próprio, crendo que todos aqueles defeitos não estão no homem, no ser humano dotado de uma alma para sonhar, de um espírito para refletir no dever e na virtude e de um coração para amar o bem. O mal está numa sociedade decadente e viciada que urge levantar. O ambiente imoral e a desorientada educação são os criadores do “Crime” e do “Primo” e as causas de toda aquela interminável falange de falhados e pobres diabos. Eça satiriza para pregar moral, erguendo os olhos de visionário para um mundo onde o Bem e o Belo sejam os únicos motivos da própria vida. Ao escrever seus primeiros romances, Eça ainda não anteviu essa verdade senão vaga e confusamente. Os personagens do “Crime” e do “Primo”, com exceção daqueles em volta dos quais gira a trama romanesca, são caricaturas e passam ante nós como cômicos palhaços da vida.

Depois da publicação desses dois romances, em 1878, publicou **O Mandarim** e **A Relíquia**. Só em 1884 é que concluiu este. **O Mandarim** é, como diz Álvaro Lins, uma evasão do naturalismo para o domínio da fantasia que sempre o atraía. Efetivamente, com essa novela Eça paga o seu tributo à imaginação, enclausurada na rígida disciplina do realismo.

O Mandarim tem um simbolismo, a própria experiência de Eça em Havana. É uma fuga psicológica do autor, como se depreende do seu próprio prólogo. Cansado do “áspero estudo da realidade humana”, resolve partir por momentos “para os campos do Sonho, vaguear por essas azuladas colinas românticas onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos frescos recobrem as ruínas do Idealismo”.

A ciência e a filosofia, Antero de Quental e Proudhon, levaram Eça de Queirós à descrença absoluta, pois assolado pelos vendavais da vida, ele sentia o vácuo desse sentimento que desaparecera da sua alma, o sentimento da fé religiosa. E acha que os causadores de fazer sossobrar no ridículo o verdadeiro sentimento religioso do homem

são principalmente o fanatismo e o beatério. A tia Patrocínia é a mais exagerada caricatura do romancista.

É pena que Eça de Queirós nunca tenha vindo ao Brasil. Bem que ele tentou, pois pediu para ser nomeado cônsul na Bahia e quase foi indicado como embaixador no Rio. Pois mesmo sem ter pisado aqui, demonstrou ter o “jogo de cintura” suficiente para ver que o país era absurdo e surpreendente. Basta lembrar um texto dele sobre a proclamação da República, em **Cartas inéditas de Fradique Mendes**: “O Marechal Deodoro da Fonseca dá um sinal com a espada; imediatamente, sem choque, sem ruído, como cenas pintadas que deslizam, a Monarquia, o Monarca, o pessoal monárquico desaparecem e ante a vista assombrada, surge uma República toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de hino, de selos de correio e da benção do Arcebispo Lacerda. Toda essa revolução, segundo os telegramas, foi feita antes do almoço... Se os telegramas são fiéis, esta revolução é simultaneamente grandiosa e divertida...” Com essa perspectiva tão sensível e exata das coisas brasileiras, imaginem só o que o escritor faria se tivesse a chance de autopsiar em primeira mão personagens e tipos brasileiros.

Todo grande ficcionista tem suas criaturas favoristas no “Ibope” de críticos e leitores. Quais seriam as de Eça de Queirós? Com ele é difícil uma resposta simples e curta. Afinal, o “pobre homem da Póvoa do Varzim” era um exímio criador de gente, um retratista hábil, armado de todas as lupas e microscópios da teoria do naturalismo literário.

Não deixava escapar nada do detalhe sutil, geralmente debochado ou venenoso, da humanidade que via no seu campo de pesquisas e transportava para seus contos e romances. Talvez o mais popular seja o Conselheiro Acácio, de **O Primo Basílio**, que, graças às suas características, ganhou até honras de virar adjetivo, “acaciano”. Diz Eça: “era alto, magro, vestido todo de preto com o pescoço todo entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia alargando-se até a calva, vasta e pálida, um pouco amoldada. Tem gestos medidos, nunca usa palavras triviais. Não dizia ‘vomitar’: fazia um gesto indicativo e empregava ‘restituir’. Dizia sempre ‘o nosso Garrett, o nosso Herculano’. Citava muito. Era autor”.

Em Eça, muitas vezes, os personagens principais são relativamente fracos, existem para a ação se cumprir, mas os achados estão lá pelo fundo do palco, no segundo plano. Dedicou atenção especial ao clero. Padres, abades, monsenhores estão por toda a parte na obra eciana e retratados com implacável agudeza.

As mulheres, figuras só aparentemente secundárias da ficção de Eça, também não escapam do crivo. Há algumas, falhadas, como a Luísa de **O Primo Basílio**, uma Madame Bovary de segunda classe. Mas há, por exemplo, no mesmo livro, uma obra prima de concepção, a criada Juliana, a "Isca Seca", que servia há vinte anos. Como ela dizia, "mudava de anos, mas não mudava de sorte..." Invejosa, revoltada, frustrada, era um demônio familiar. "Quando havia passeios projetados, se chovia de repente, que felicidade! O aspecto das senhoras vestidas e de chapéu, olhando por dentro da vidraça, com um tédio infeliz, deliciava-a"

A Tia Patrocínio, a Titi de **A Relíquia**, é inesquecível, porém romance é do seu sobrinho, Teodorico Raposo, o Raposão, o dissimulado farrista e candidato a herdeiro que tem sua alegada virtude desmascarada no fim do romance.

Cortesãs também têm seu lugar em Eça. Dona Leopoldina, de **O Primo Basílio**, aquele que "sabia-se que tinha amantes, dizia-se que tinha vícios", a que "usava sempre os vestidos muito colados, com uma justeza que acusava, modelava o corpo como uma pelica, sem largueza de roda, apanhados atrás."

Pensemos na imagem do último Eça, das obras como **A Cidade e as Serras**, de **A Ilustre Casa de Ramires** e de **Correspondência de Fradique Mendes**. É quando refletia sobre temas extremamente atuais, como os excessos da técnica, da ciência e da civilização moderna. Grande parte das pessoas vê Eça apenas como o escritor realista, o que é uma imagem muito datada, presa no seu tempo. O que se precisava revalorizar é o escritor muito mais atual, que se preocupou com o lugar do homem na civilização, com os excessos da técnica, com o que o ser humano conseguia e como começava a ser consumido por essas conquistas.

Eça jornalista mostrou Europa ao Brasil. Como jornalista, Eça de Queirós escreveu especialmente para um jornal brasileiro, a "Gazeta de Notícias". E, como jornalista e escritor, inspirou toda uma

geração no país. Eram os moços que compreendiam a sua obra e a sua imensa significação, afirmou Oswald de Andrade, em 1955, numa entrevista transcrita no livro **Os Dentes do Dragão**.

O Eça jornalista incomodava-se com a imprensa britânica. Ironizava o tradicional “Times”, que reproduzia discursos inteiros de políticos. A obra para a “Gazeta”, um dos mais influentes jornais do fim do século XIX no Brasil, está normalmente dividida nos volumes **Cartas da Inglaterra, Ecos de Paris, Notas Contemporâneas, Cartas Familiares e Bilhetes de Paris**. Colaborou na “Gazeta” também por uma questão econômica: o jornal se notabilizou por pagar bem e em dia, mantendo uma respeitável rede de correspondentes, que, além de Eça, incluía nomes como Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis e Maria Amália Vaz de Carvalho. Eça traduziu de modo vibrante eventos e imagens do europeu daquela época, afirma Elza Miné, professora de estudos comparados de literatura de língua portuguesa da Universidade de São Paulo.

Eça expôs ao Brasil, com a sua pena galhofeira, os excessos moralistas da Inglaterra vitoriana. Mas também denunciou a força com que o Império Britânico o exercia. Num texto sobre o Brasil e Portugal, por exemplo, comenta outro artigo do “Times”. Dessa vez zomba do tom grandiloquente, exagerado do texto com relação ao Brasil.

Nos seus trabalhos, para além da sátira e da tese da decadência, a marca registrada de Eça é o descritivismo precioso, extremamente refinado, fonte de onde brota o estilo artístico, burilado até à exaustão, na linha do perfeccionismo. Não há quem o negue: ele é um estilista magistral, seja na descrição de cenas e ambientes (onde o leitor se sente imediatamente submergir), seja nos perfis dos personagens, sempre compostos a partir de detalhes cheios de brilho. A fabulação romanesca propriamente dita é relegada a segundo plano e o aprofundamento psicológico dos personagens é alvo que não lhe interessa.

Eça de Queirós, enfim, teve todas as glórias e reconhecimentos em vida, o que poucos “homens-bons” têm conseguido! Estas recordações sobre tão importante, simpática e múltipla personalidade intelectual portuguesa, as lemos ou relemos na passagem do centenário de sua morte, ocorrida, como já lembramos, a 16 de agosto do ano passado.

Eça de Queirós é um dos poucos escritores cuja obra valiosa se lê sempre com encantamento, principalmente dos seus patrícios ou de quem, como nós, tivemos o privilégio de visitar Portugal várias vezes e, na pequena, mas encantadora Lisboa, a “Lis... Ótima”, como a denominou o reporter David Nasser, pervagamos pelos saudosos sítios da Baixa, principalmente o Chiado.

No seu tempo, século XIX, Portugal teve o privilégio de ver surgir um plêiade valiosíssima de escritores que glorificaram a “última flor do Lácio, inculca e bela”, como Alexandre Herculano, Antero de Quental, Garrett, Júlio Diniz, Ramalho Ortigão e poetas, como o terno Antônio Nobre.

Aqui fica, pois, a homenagem de um brasileiro filho de pai português da generosa terra trasmontana e mãe da nobre Guimarães, “celula mater” de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

1. Nemésio, Vitorino - Portugal, a terra e o homem: antologia de textos de escritores dos séculos XIX e XX. Viseu, Fundação Calouste Gulbenkian/Editora Arcádia, 1978.
2. Lemos, Antero Vieira de - Eça de Queirós, o seu drama e a sua obra: ensaio crítico. Porto, Latina Editora, 1945.
3. Pires, Mário - Eça de Queirós, o homem de a obra: conferência na Academia Campinense de Letras, em sessão de 25-4-1995. Campinas.
4. “O Estado de S. Paulo”, caderno 2 da edição de 13 de agosto de 2000, comemorativo do centenário da morte do escritor. Vários autores.